

# Novas configurações territoriais na Campanha Ocidental: o caso do Assentamento Novo Alegrete – RS<sup>1</sup>

*Rosa Maria Vieira Medeiros  
Suelen de Leal Rodrigues*

## Introdução

Ao se analisar espaço e território os mesmos devem ser compreendidos e vistos de forma conjunta. É fundamental se considerar o território e toda a sua dimensão para que se efetue a humanização desse o espaço. É este território que, num primeiro momento, vai constituir o espaço cultural de identificação, de pertencimento e sua efetiva apropriação só se efetuará na etapa seguinte.

O território é, assim como um espaço político, um jogo político, um lugar de poder. Definir seus limites recortá-lo, é sinônimo de dominação, de controle. O domínio entre pessoas e nações passa pelo exercício do controle do solo (MEDEIROS, 2009, p.217).

O território é também um lugar identificado por uma rede de lugares, muito embora tenha suas fronteiras definidas que delimitam e marcam o espaço de sobrevivência, o espaço de força, defendido, negociado, cobiçado, perdido, so-

<sup>1</sup> Este artigo é uma releitura do artigo "A paisagem dos assentamentos da Microrregião da Campanha Ocidental, Rio Grande do Sul" apresentado e publicado nos anais do XXIII Encontro Nacional de Geografia Agrária.

nhado, mas que possui uma forte força afetiva e simbólica (MEDEIROS, 2009).

Para Raffestin:

O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo pela representação), o ator 'territorializa' o espaço. [...] o território nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que por consequência, revela relações marcadas pelo poder (1993, p. 43)

É, pois, neste território que os assentados, atores territorializados, projetaram seu trabalho, suas ações e demarcaram seu espaço de atuação. Este espaço, no entanto, ao ser analisado deve considerar a sua totalidade, ou seja, o conjunto dos assentamentos da região e até mesmo do estado, pois como afirma Haesbaert (1997), não é possível se fazer uma análise parcial do território, se assim for, a mesma está fadada a compreender apenas uma parte dos complexos meandros do poder. Há que se integrar nesta análise também a dimensão simbólica, identitária e até mesmo afetiva daqueles que constituíram esse território.

Neste espaço, terra e trabalho são os agentes para a construção das novas identidades, das novas territorialidades e de uma nova territorialização. É através dessa relação que o camponês irá reconstruir sua territorialidade para assim se reconhecer enquanto sujeito e agente desse território a ser constituído. São eles os responsáveis pela produção de alimentos e pela manutenção das tradições e dos saberes herdados de seus ancestrais.

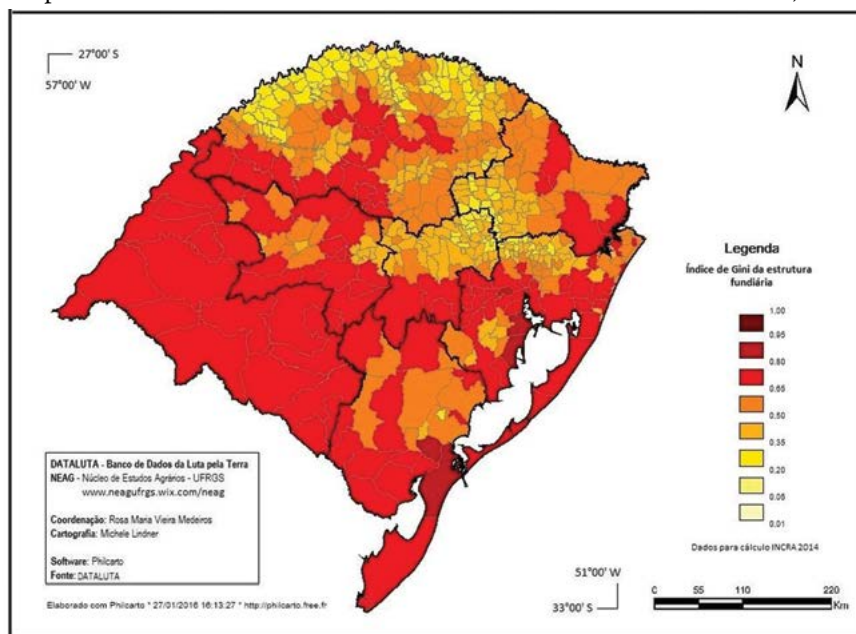
São essas as novas configurações presentes na Campanha Gaúcha construídas nos assentamentos pelos camponeses assentados para assim constituir um território dentro de outro território, ou seja, o território dos assentamentos dentro do território de domínio da grande propriedade.

## A Campanha Gaúcha

Para melhor compreender as transformações ocorridas na Campanha Gaúcha é importante resgatar a configuração do espaço agrário gaúcho considerando a estrutura fundiária, o processo de ocupação relacionado à imigração e o uso da terra.

O Rio Grande do Sul apresenta seu espaço historicamente organizado e dividido de acordo com sua estrutura fundiária. Uma parte é de domínio do latifúndio pecuarista, localizado nas Mesorregiões Sudoeste e Sudeste que se caracteriza pela concentração de terras em grandes propriedades rurais, com produção baseada na pecuária extensiva, rizicultura e soja, principalmente. Outra parte é de domínio das pequenas e médias propriedades localizadas nas Mesorregiões da Metade Norte do estado, onde ocorreu a colonização alemã e italiana. Originalmente nesta região predominavam pequenas propriedades familiares com produção diversificada, entretanto, atualmente estas mesorregiões constituem os espaços modernizados e especializados da agricultura gaúcha com altos investimentos voltados, sobretudo à exportação. O Índice de Gini (Mapa 1), permite observar esta dualidade da estrutura fundiária no Rio Grande do Sul. Portanto, no espaço sul rio-grandense coexistem duas formas distintas de ocupação da terra: o latifúndio e a pequena propriedade familiar que foram modernizados, fracionados, concentrados, dinamizados ou até estagnados demonstrando as contradições desse processo de povoamento e de colonização.

Mapa 1: Índice de Gini da Estrutura Fundiária do estado do Rio Grande do Sul, Brasil



Fonte: Medeiros *et al.* (2015).

Com o evento da modernização da agricultura nos anos de 1960, associado ao grande número de filhos das famílias de origem alemã e italiana, vários agricultores foram excluídos do processo produtivo e consequentemente desterritorializados.

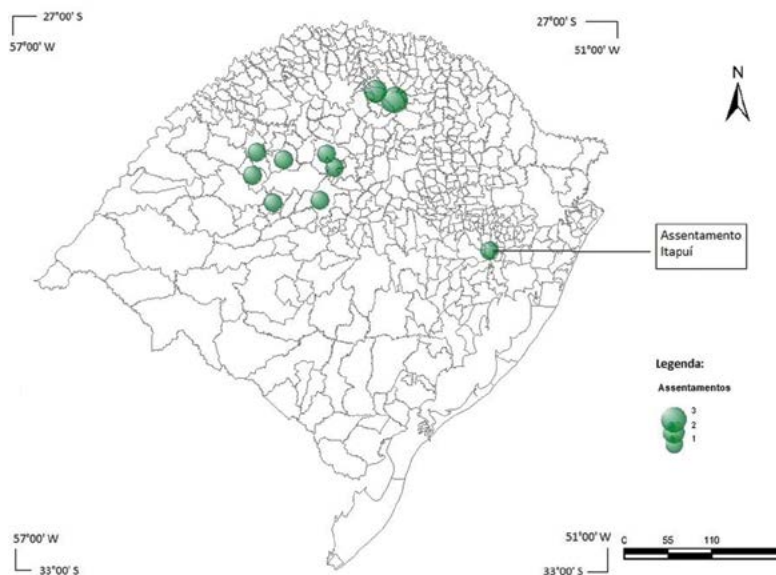
Medeiros (2005, p.20) considera que “na medida em que o processo de modernização vai se desenvolvendo na pequena produção, a tendência de sua população rural é emigrar, já que o parcelamento das terras não se torna mais possível e a absorção de mão-de-obra se torna restrita”.

Ressalta a autora que:

[...] a aceleração da emigração da população rural não acontece somente na presença do fator modernização, ocorre também na ausência desse fator desde que exista pressão demográfica. Mais ainda, a emigração pode acelerar-se em função da modernização, desde que exista pressão demográfica (2005, p.21).

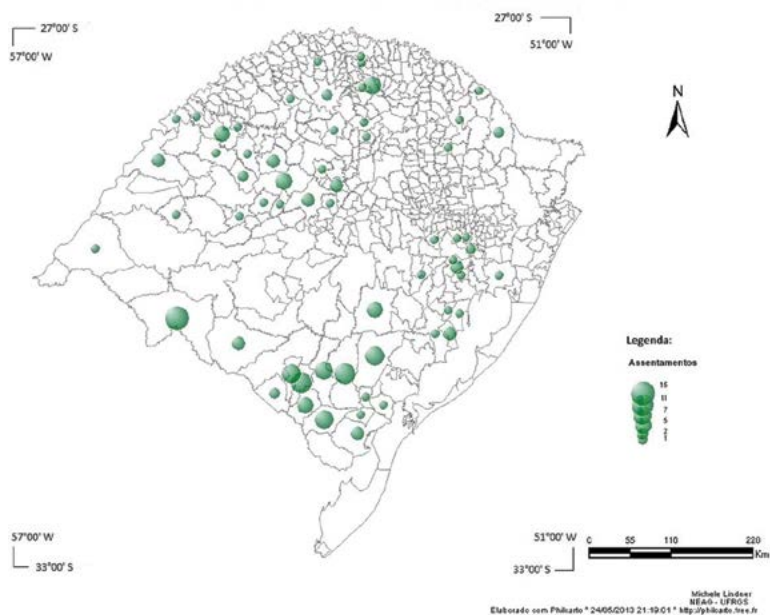
A associação dos fatores modernização e pressão demográfica causou esta desterritorialização das famílias camponesas que foram em busca de novas alternativas de sobrevivência. Foi nessa busca que ocorreu o engajamento na luta pela terra, no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST. Como primeiro resultado foram criados assentamentos na região de origem dessas famílias que rapidamente viu seu espaço esgotado para esse fim. No Mapa 2 é possível observar a localização dos assentamentos criados até 1980 (MEDEIROS et al, 2014). Mas foi a partir dos anos de 1990 que os assentamentos tomam a direção sul do estado e ali começam a se concentrar (Mapa 3). O território gaúcho se reconfigurou, a paisagem da Campanha Gaúcha sofreu transformações. Segundo Medeiros e Lindner (2013) nesse período foram criados 305 novos assentamentos, o que corresponde a 91% do total dos assentamentos do estado. Com isso se instalou uma nova forma de produzir, baseada na agricultura familiar, na produção de alimentos, no cooperativismo que provocou mudanças na paisagem além de povoar as coxilhas.

Mapa 2 – Assentamentos criados no estado do Grande do Sul até o final da década de 1980



Fonte: INCRA (2011).

Mapa 3 – Assentamentos criados no estado do Rio Grande do Sul na década de 1990



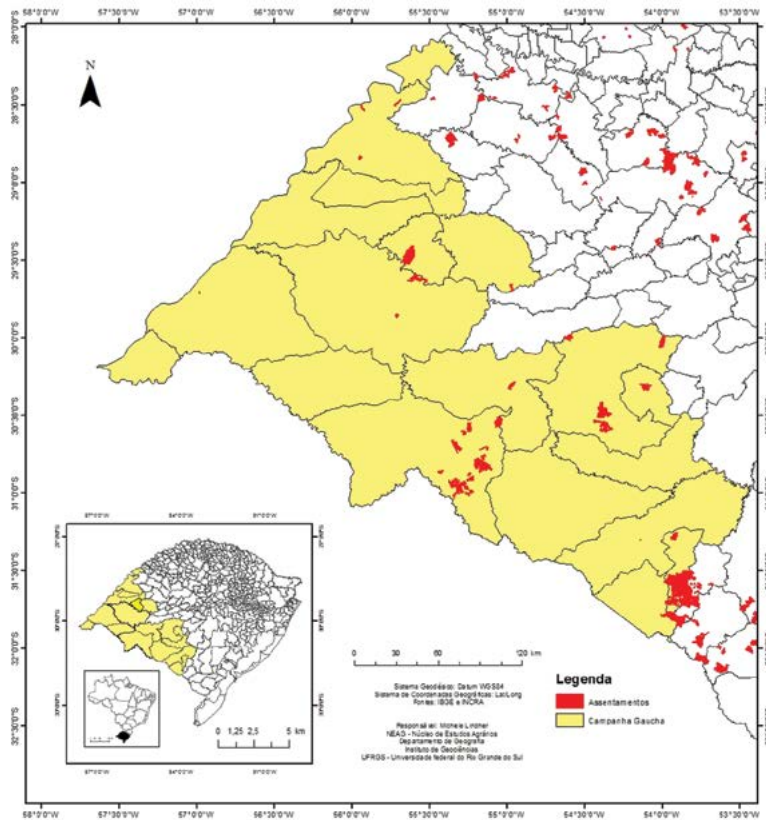
Fonte: INCRA (2011).

A Campanha Gaúcha foi o palco de ações do PNRA – Plano Nacional de Reforma Agrária que assentou na região de domínio do latifúndio aqueles que buscavam sua inserção ao processo produtivo através de novas formas de produzir, de se organizar, de se relacionar com o ambiente e com a paisagem que os acolhia. Começam assim o resgate de seus saberes esquecidos e retomam suas práticas de produção, sua cultura e sua organização político-econômico-social no novo território.

Na história das famílias é possível perceber a ação contraditória do capital no campo que desterritorializou e que territorializou. Neste processo surgem muitas dificuldades econômicas e sociais que necessitam ser vencidas passo a passo. É, portanto, o momento da reconstrução da identidade e da territorialidade. No caso da Campanha Gaúcha esta reconstrução trouxe consigo uma nova forma de organização do espaço com mudanças na paisagem e na forma de produzir.

Os assentados da Campanha Gaúcha com sua organização política e econômica deixam suas marcas neste espaço com sua forma de produzir, cuja base principal é a agroecologia e por consequência a preservação do meio ambiente. A Campanha Gaúcha se reconfigura com os assentamentos (Mapa 4), as práticas agroecológicas mudam a paisagem. O desenvolvimento sustentável se enraíza nos assentamentos baseado na cooperação e na associação de famílias tanto para a produção quanto para a comercialização.

Mapa 4: Localização dos Assentamentos na região da Campanha Gaúcha/ RS.



Cabe ressaltar que esta forma de produzir é atualmente a proposta do MST por considerar que esta alternativa possibilita a reterritorialização dos agricultores desterritorializados. São novos territórios virtualmente mais abertos e multiculturais, com maior liberdade de opções. É uma nova racionalidade se desenvolvendo nos assentamentos através das instalações de agroindústrias pensadas a partir da estrutura e das necessidades das cidades, da divisão do trabalho, da sociedade industrializada. O ser camponês se manifesta no convívio cotidiano, na solidariedade, na expressão oral e corporal, embora também os assentamentos sejam tocados pela influência da vida urbana. É um grande desafio, para estes camponeses, a construção de uma nova territorialidade nos assentamentos de Reforma Agrária que embora enraizados na sua cultura, se encontram abertos às inovações para assim realizarem seu sonho.

## A Microrregião Campanha Ocidental

A Microrregião da Campanha Ocidental (Mapa 5) possui 12 assentamentos instalados em seis municípios diferentes com 512 famílias assentadas. O maior assentamento é o Santa Maria localizado no município de Manoel Viana com uma área de mais de 6 000 ha onde estão instaladas 216 famílias (Tabela 1).

Mapa 5: Microrregião da Campanha Ocidental/ RS.

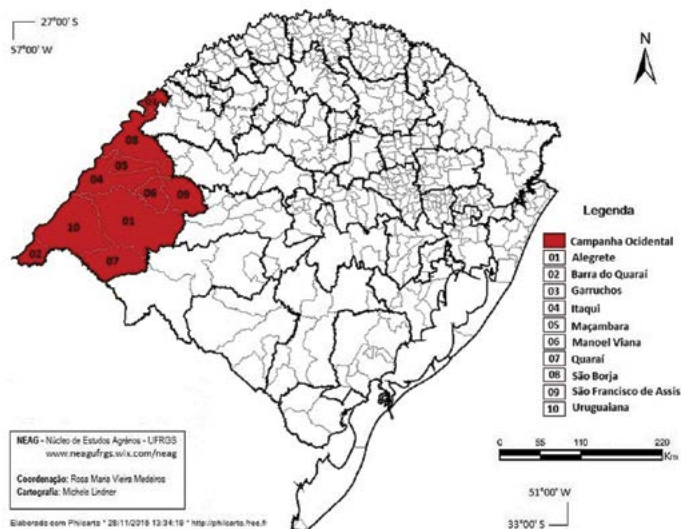


Tabela 1: Assentamentos da Campanha Ocidental

Assentamentos	Município	Área	Nº de famílias
1. PA Novo Alegrete	Alegrete	1.197,15	63
2. PA Unidos pela Terra	Alegrete	1.224,23	46
3. PE Acaue	Alegrete	328,8554	13
4. PE São Domingos	Garruchos	722,00	44
5. PA Santa Maria	Manoel Viana	6.118,49	227
6. PA Santa Mercedes/Gleba B	Manoel Viana	394,0199	9
7. PA São Marcos	São Borja	402,00	17
8. PA Cambuchim	São Borja	600,63	30
9. PE Cristo Redentor	São Borja	255,00	15
10. PE Fazenda Cassacan	São Borja	395,3157	15
11. PA Jaguari Grande	São Francisco De Assis	534,6172	26
12. PA Imbaá	Uruguaiana	81,5367	7

Fonte: INCRA (2014).



O território dos assentamentos na Campanha Ocidental também foi constituído a partir do sentimento de pertencimento das famílias assentadas. O processo de reterritorialização exigiu dessas famílias um grande esforço que envolveu erros, acertos, abandonos, desistências, mas, sobretudo uma forte resistência, coragem e continuidade na luta para reconstruir sua história neste novo espaço.

Segundo Medeiros e Lindner (2016) no território da Campanha Ocidental os assentamentos coexistem com os históricos latifúndios. Sua participação na economia da região já é reconhecida pela produção de alimentos, instalação de novas estruturas básicas tanto na área rural quanto urbana e do espírito cooperativista que os caracteriza. As dificuldades fortaleceram sua luta na busca de seus objetivos e reivindicações além de derrubarem o mito da fragilidade da produção familiar.

Portanto, na Campanha Ocidental é possível identificar dois espaços culturais distintos, mas que se aproximaram em decorrência da luta pela terra, em decorrência da Reforma Agrária. A paisagem dos assentamentos mudou gradativamente a paisagem tradicional em razão das novas práticas agrícolas adotadas e até mesmo pela manutenção da agricultura tradicional, que não foi impedimento para o desenvolvimento da agroecologia e de uma nova relação com a natureza (MEDEIROS; LINDNER, 2016).

O desafio foi lançado com a instalação dos assentamentos neste território da Campanha Ocidental, marcado pela presença da pecuária e da agricultura patronal e este enfrentamento só se tornou possível graças a forte articulação social existente entre os agricultores assentados.

Nos assentamentos com melhor organização social expressa nas associações e cooperativas é possível evidenciar estratégias produtivas diversificadas, articuladas e pensadas coletivamente. No entanto, esta não é a realidade de todos os assentamentos pois em alguns casos os agricultores assentados carecem desta organização social e econômica e isto não lhes permite materializar os projetos que possibilitem sua reprodução e que sejam também agentes de transformação da paisagem.

## O que mudou na paisagem da Microrregião da Campanha Ocidental

Para analisar a paisagem é necessário considerar também os elementos subjetivos daquele que a analisa uma vez que a paisagem se reveste de uma tempora-

lidade que pode ser vista e interpretada de diferentes formas considerando suas dinâmicas que vão se somando ou sendo substituídas ao logo do tempo. Esta dinâmica pode ser interpretada de forma positiva como reflexo da riqueza cultural, ecológica e econômica ou ainda como um impacto negativo na paisagem decorrente das mudanças efetivadas. Esta interpretação vai depender do observador, do seu objetivo em relação àquela paisagem.

O objetivo aqui proposto é exatamente de analisar esta paisagem enquanto ponto de partida da expressão dos entrelaçamentos entre a sociedade e o território.

Claval (1999) destaca que podem ser atribuídos valores à paisagem. Esses valores podem ser de mercado, patrimoniais ou identitários. Os valores de mercado são aqueles relacionados ao turismo que ao explorar a beleza cênica de determinada paisagem provoca a sua valorização. Já os valores patrimoniais da paisagem se relacionam ao valor social que lhe é atribuído em razão do interesse coletivo, do interesse público. O valor identitário traz um significado mais profundo por ser a expressão do lugar, do grupo social que se identifica e que se reconhece naquela paisagem. São esses valores identitários que permitem afirmar que a paisagem se assenta na memória coletiva e que sua leitura é a leitura das marcas do passado.

As fotografias, as falas dos agricultores assentados, o andar pelo território dos assentamentos para observar e identificar as marcas na paisagem, corroboram a afirmação de Claval (1999) de que a memória se sustenta na paisagem, no lugar, nos objetos.

De acordo com Claval (1999) a cultura é dinâmica e as populações modificam o meio de acordo com suas necessidades, provocando um enraizamento de seus valores que legitimam suas escolhas e por consequência a paisagem se transforma de acordo com suas preferências, suas aspirações. Destas escolhas dos assentados decorreram ações transformadoras da paisagem que são reflexo da construção de sua identidade no novo território constituído – o território dos assentamentos na Campanha Ocidental da Campanha Gaúcha.

Efetivamente as famílias assentadas estabeleceram uma nova relação com esse ambiente, diferente, estranho, desafiante. Vencer os desafios é construir a identidade, é se reterritorializar, é fazer parte do novo espaço com seus valores e sua cultura.

As mudanças marcadas na paisagem dos assentamentos são a expressão desses desafios e foi fotografia que possibilitou registrar cada uma delas. É a fotografia a porta que se abre, que transporta para outros tempos e que possibilita

compreender, através dos traços e dos vestígios na paisagem, processos sociais e culturais (COELHO, 2009).

Figura 1: Assentamentos: a tradição do gaúcho à cavalo



Fonte: Acervo NEAG/UFRGS.

Figura 2: Assentamentos: a viticultura ocupando os campos



Fonte: Acervo NEAG/UFRGS.

As novas imagens da Microrregião da Campanha Ocidental mostram o tradicional que permaneceu e novo que se instalou que se reterritorializou.

Figura 3: Colheitadeira na lavoura de arroz do assentamento



Fonte: Acervo NEAG/UFRGS.

**Figura 4: Galpão onde são guardados os tratores e o cavalo do gaúcho**



Fonte: Acervo NEAG/UFRGS.

A modernização também é uma realidade no trabalho diário do agricultor assentado com a utilização de implementos e maquinários que otimizam seu tempo na lavoura e melhoram o rendimento de sua produção.

**Figura 5: Novas instalações para armazenar o arroz**



Fonte: Acervo NEAG/UFRGS.



Figura 6: Moradias pontilham as coxilhas da Campanha



Fonte: Acervo NEAG/UFRGS.

As antigas áreas de pecuária extensiva cederam lugar para novas atividades agropecuárias tais como rizicultura, fruticultura, produção de mel. São novos usos do espaço nos assentamentos que configuram uma nova paisagem.

**Figura 7: Produção de mel no assentamento**



Fonte: Acervo NEAG/UFRGS.

Figura 8: Plantio de frutíferas



Fonte: Acervo NEAG/UFRGS.

Segundo Medeiros e Lindner (2016) os assentamentos acrescentaram novos elementos na paisagem da Campanha Gaúcha, embora permaneça marcas da paisagem tradicional que resiste. Esta beleza cênica, com seus campos extensos pontilhados pelo gado bovino que se desloca lentamente, na mesma direção, parece não querer abandonar aquele cenário onde símbolos se somam ao novo território, o território dos assentamentos.

Afirmam as autoras que:

[...] pouco a pouco, neste território serão produzidos novos símbolos, novas significações, novas identidades. Esses significados, essas estratégias se constituirão em um conjunto de ações que também marcarão a paisagem dos assentamentos (MEDEIROS; LINDNER, 2016, p.15).

Figura 9: Símbolos de um tempo passado presente na paisagem



Fonte: Acervo NEAG/UFRGS.

Figura 10: Plantio de arroz ecológico, nova alternativa



Fonte: Acervo NEAG/UFRGS

A paisagem tradicional e as novas atividades impressas na paisagem da Campanha Ocidental constituem, pois, um mosaico que abrange o velho e o novo. O novo é constituído pelos assentamentos, sobretudo os mais organizados cujas transformações marcam a paisagem. O caso do assentamento Novo Alegrete foi analisado no sentido de identificar as transformações geradas por



sua organização social e econômica na busca de sua reprodução, de sua territorialidade.

## O projeto de Assentamento Novo Alegrete.

Os assentamentos rurais em Alegrete apresentam arranjos produtivos diversos que mantém o tradicional sistema pecuarista e monocultor de forma paralela com a produção familiar. Atualmente o município possui três assentamentos e cada assentamento reúne um grupo específico de famílias vindas de diferentes lugares e isto de uma certa forma interfere na relação produtiva a ser estabelecida com a terra e na forma de organização e no desenvolvimento do assentamento.

O assentamento Novo Alegrete, PA Novo Alegrete, criado no ano de 2008 pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) teve como objetivo inserir uma nova dinâmica produtiva e diminuir a concentração fundiária do município de Alegrete. Localiza-se no distrito do Passo Novo, com uma área territorial de 1.197,1519 ha, divididos em 63 lotes com aproximadamente 19 há. Atualmente, de acordo com a Relação de Beneficiários do INCRA (2015), estão ocupados cerca de 58 lotes.

Para fazer a leitura da situação social e econômica do assentamento e suas transformações territoriais foi utilizada uma metodologia mista, ou seja, avaliações qualitativas e quantitativas. A metodologia envolveu levantamento bibliográfico e documental, observação direta, registro fotográfico, entrevista semiestruturada (formal e informal) e utilizou uma amostragem não probabilística intencional, em que foram entrevistados sujeitos-tipos, considerados representativos do universo estudado.

Para analisar as transformações territoriais impressas pela instalação do PA Novo Alegrete foi investigado o lugar de origem dos agricultores assentados como forma de identificar o processo migratório dessas famílias. Foram entrevistados cento e seis assentados que possibilitou identificar sua migração de trinta e cinco municípios distintos, sendo trinta e quatro do estado do Rio Grande do Sul e um de Santa Catarina.

O PA Novo Alegrete recebeu, portanto, pessoas oriundas das Mesorregiões Noroeste, Metropolitana, Centro Ocidental e Sudeste do Rio Grande do Sul e apenas uma pessoa do Oeste de Santa Catarina. Dos municípios de origem, 66% pertencem a Mesorregião Noroeste onde 26% dos assentados vieram da Microrregião de Frederico Westphalen, 17% da Microrregião de Santo Ângelo e os 23%

restantes vieram das microrregiões de Ijuí, Santa Rosa, Carazinho, Soledade, Cruz Alta, Três Passos, Cerro Largo.

Com a origem dos assentados definida se torna possível além de identificar sua trajetória, compreender suas raízes e seu processo de reterritorialização em um território marcado por grandes propriedades.

A adaptação ao novo território marcado por um bioma típico de campos, solos arenosos e tradição pecuarista foi mencionado pelos assentados que vieram da Mesorregião Noroeste como algo estranho, tanto no aspecto cultural como ambiental e produtivo. Outro dado destacado se refere ao preconceito que enfrentaram assim que chegaram ao município de Alegrete. Como a cesta básica recebida na sua chegada não era suficiente para o sustento da família, os assentados saíram em busca de trabalho até que fosse possível começar a produzir, no entanto, poucos conseguiram algum trabalho, pois eram mal vistos pela população local. Alguns relatos mencionaram que os estabelecimentos comerciais locais do distrito do Passo Novo se negavam a vender qualquer tipo de produto para os assentados.

A esta dificuldade soma-se o passado cultural dos assentados que vão influenciar diretamente no desenvolvimento econômico dos respectivos lotes. Para os assentados que não possuíam tradição na agricultura, existem muitas dificuldades para produzir, o que demanda maior orientação técnica tanto para produção quanto para o uso eficiente dos recursos acessados via Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). Por essa razão, existem lotes que não são explorados economicamente (Figura 11) e que foram destinados a famílias sem um passado ligado ao meio rural, mais precisamente à atividade agrícola. Nos lotes das famílias que já possuíam um passado relacionado ao trabalho com a terra, constatou-se que, embora haja dificuldades, procuram desenvolver a pecuária leiteira e de corte, plantar pequenas lavouras e hortas para o consumo familiar (Figuras 12, 13 e 14).

**Figura 11: Lote não explorado economicamente**



Fonte: Núcleo de Pesquisa em Desenvolvimento Territorial do Pampa – IFFAR- campus Alegrete- 2016

**Figura 12: Lote explorado pela pecuária extensiva sistema tradicional da região**



Fonte: Núcleo de Pesquisa em Desenvolvimento Territorial do Pampa – IFFAR- campus Alegrete- 2016

Figura 13: Lote explorado lavoura de feijão



Fonte: Núcleo de Pesquisa em Desenvolvimento Territorial do Pampa – IFFAR- campus Alegrete- 2015

Figura 14: Lote explorado com associação de pomar e horta



Fonte: Núcleo de Pesquisa em Desenvolvimento Territorial do Pampa – IFFAR- campus Alegrete- 2015

O PA Novo Alegrete é composto legalmente por sessenta e três lotes, nos quais existem áreas de preservação e áreas sujeitas a inundações e é por essa razão que efetivamente são ocupados cinquenta e oito dos seus lotes. Foram, no entanto analisados trinta e quatro lotes, ou seja, 58% dos lotes efetivamente ocupados e identificou-se que sua produção econômica não está estruturada sendo que a única produção minimamente organizada é a de leite, mas que se resume a poucas famílias.

Figura 15: Paisagem do Pampa florescendo



Fonte: Núcleo de Pesquisa em Desenvolvimento Territorial do Pampa – IFFAR- campus Alegrete- 2015

Dessa amostra, vinte famílias afirmaram ter recebido o Pronaf sendo que doze aplicaram na produção de leite enquanto que os demais planejaram aplicar na criação de peixes em açudes, de aves e de ovelhas. A maioria das famílias possui produção para autoconsumo, no entanto, é insuficiente, pois entre os dados analisados 52% dos trinta e quatro lotes precisam complementar renda; 47% afirmaram sobreviver da renda agrícola dentre eles 38 % possuem auxílio do Programa Bolsa Família e 8,8 % somam a esse benefício a sua aposentadoria. Portanto, estes dados nos permitem identificar que famílias analisadas, assentadas no PA Novo Alegrete, não vivem apenas da renda da terra e que a diversificação de atividades e os benefícios sociais recebidos são fundamentais para sua reprodução social e econômica.

No ano de 2011 foi criada a Associação Familiar do Novo Alegrete (ASFAN) com o objetivo de mediar as demandas do assentamento junto ao poder público do município. A ASFAN é a entidade representativa das famílias assentadas perante as instituições, promovendo o diálogo entre os assentados e governantes locais. No entanto, nem todos os assentados reconhecem ou entendem a importância da ASFAN como representatividade social. Ao serem questionados sobre a associação poucos sabiam definir qual era a sua importância e pareciam desmotivados em relação ao papel da entidade junto ao grupo, muito embora, entre outras ações pontuais, a ASFAN tenha organizado a produção de leite com a aquisição de resfriadores coletivos.

Identificou-se também a falta de união e de coesão do grupo de agricultores assentados nas demandas relacionadas às dificuldades ligadas à falta de infraestrutura das estradas e do acesso à água encanada. São demandas fundamentais que implicam em transformações sociais, econômicas e principalmente territoriais, mas aparentemente menos representativas para as famílias assentadas do PA Novo Alegrete.

Embora presentes todas essas dificuldades no PA Novo Alegrete foi possível identificar, mesmo que modestamente, um processo de transformação da paisagem marcado pela coexistência da tradição com as tentativas de implantação de novas alternativas de produção. Efetivamente as mudanças significativas impressas na paisagem da Campanha Ocidental se encontram nos assentamentos mais antigos, caracterizados pela integração e coesão social das famílias assentadas.

## Considerações finais

As famílias assentadas alteraram a paisagem da Campanha Ocidental. Mas a tradição gaúcha permanece e se expressa nos símbolos circunscritos na paisagem, na história e na cultura imediatamente apropriada por essas famílias. Novos usos ao lado das velhas tradições do espaço dos assentamentos reconfiguram a paisagem.

As imagens do novo e do velho se encontram e redesenham a paisagem da Campanha Ocidental. São novos símbolos, novas significações, novas identidades que marcam a presença dos assentamentos que acrescentam a este território novos saberes, novos valores, A paisagem é reveladora das mudanças registradas ao longo do tempo no território, ao mesmo tempo que possibilita identificar as potencialidades desse território. É um novo olhar com desenhos distintos da paisagem da Campanha Ocidental cujos territórios refletem saberes, culturas, tradições e valores do presente e do passado.



## Referências

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis. Ed. da UFSC, 1999.

COELHO, Leticia Castilhos. A paisagem na fotografia, os rastros da memória nas imagens. In: **gpit: Grupo de Pesquisa Identidade e Território**. 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/gpit/wp-content/uploads/2011/03/castilhos-leticia-a-paisagem-na-fotografia.pdf>>. Acesso em: mar. 2014.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e Identidade**. Niterói: Editora da UFF, 1997.

INCRA - INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. **Projetos de Reforma Agrária Conforme Fases de Implementação**. 2011. Acesso em jun. 2012. Disponível em: <[http://www.incra.gov.br/sites/default/files/uploads/reforma-agraria/questao-agraria/reformaagraria/relacao\\_de\\_projetos\\_de\\_reforma\\_agraria.pdf](http://www.incra.gov.br/sites/default/files/uploads/reforma-agraria/questao-agraria/reformaagraria/relacao_de_projetos_de_reforma_agraria.pdf)>.

\_\_\_\_\_. **Projetos de Reforma Agrária Conforme Fases de Implementação**. 2014. Acesso em Nov. 2015. Disponível em: <[http://www.incra.gov.br/sites/default/files/uploads/reforma-agraria/questao-agraria/reformaagraria/relacao\\_de\\_projetos\\_de\\_reforma\\_agraria.pdf](http://www.incra.gov.br/sites/default/files/uploads/reforma-agraria/questao-agraria/reformaagraria/relacao_de_projetos_de_reforma_agraria.pdf)>.

\_\_\_\_\_. **Relação de Beneficiários do Programa Nacional de Reforma Agrária (PNRA)**. 2015. Disponível em: <[http://www.incra.gov.br/sites/default/files/uploads/reformaagraria/questao%20agraria/reforma-agraria/projetos\\_criados-geral.pdf](http://www.incra.gov.br/sites/default/files/uploads/reformaagraria/questao%20agraria/reforma-agraria/projetos_criados-geral.pdf)>. Acesso em: fev. 2016.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. As formas de produção no Rio Grande do Sul e sua relação com a emigração rural. In: **AGRÁRIA**. São Paulo, N° 2, pp. 69-92, 2005.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Território, espaço de identidade. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Org.). **Territórios e Territorialidades – teorias, processos e conflitos** (pp. 217-227). São Paulo, SP/Brasil: Expressão Popular, 2009.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira; LINDNER, Michele. O território dos assentamentos de reforma agrária no Rio Grande do Sul. In: **Boletim DataLuta**. NERA - Artigo DATALUTA, 1(68), 2-11, 2013.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira *et al.* **DATALUTA Rio Grande do Sul: Relatório 2013**. (Relatório de Pesquisa), Porto Alegre, RS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira *et al.* **DATALUTA Rio Grande do Sul: Relatório 2014.** (Relatório de Pesquisa), Porto Alegre, RS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira; LINDNER, Michele. Olhares de ontem e de hoje sobre a paisagem da Microrregião da campanha Ocidental/Rio Grande do Sul/ Brasil. In: **Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul**, 1(27), 94-111. 2016.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Editora Ática, 2011.

